

SBN – Série Depoimentos

[Dra. Regina M. D. Gomes Carneiro / Presidente da S.B.N.](#)



1) Como e quando se deu a sua opção profissional pela Fitossanidade e, particularmente, pela Nematologia de Plantas?

Foi durante o Curso de Zoologia, no segundo semestre do curso de Agronomia, na ESALQ. Fui falar com o Prof. Lordello e ele me ofereceu uma bolsa da Usina da Barra para levantamento de nematoides parasitas da cana de açúcar. Depois concorri ao Mestrado com uma bolsa da FAPESP e posteriormente passei no concurso do Instituto Biológico de Campinas para a vaga de nematologista para trabalhar com o Dr. Sérgio Curi. Mas, infelizmente, pude ficar pouco tempo devido a problemas familiares e tive que me mudar para Londrina, onde prestei outro concurso e consegui emprego na Universidade de Londrina para lecionar Fitossanidade para o curso de Agronomia. Durante a minha estadia na UEL, consegui uma bolsa de um Convênio Bilateral (CNPq/CEFI), com a França, para fazer o doutorado. Já separada do Rui Gomes Carneiro, e com duas filhas, a Marina com 5 anos e a Jicei com 8, frutos da Graduação e Mestrado, ambas piracicabanas, fomos para a França fazer o Doutorado no INRA/Universidade de Montpellier, onde pude trabalhar com controle biológico de nematoides usando fungos. Quatro anos após, concluí o Doutorado e retornamos para Londrina. Retomei as aulas e três anos depois do meu retorno, sem condições de trabalhar com pesquisa na Universidade, fiz o concurso da Embrapa em Pelotas, passando em primeiro lugar e assumindo o cargo de Pesquisador 1 para a área de Nematologia. Aí, consegui me dedicar 100% à Pesquisa e Extensão e concretizar meu antigo sonho: ser pesquisadora. Nessa época, um nematoide misterioso - *Meloidogyne incognita* raça 5 ou biótipo IAPAR - estava acabando com a cafeicultura paranaense. Utilizando a técnica de identificação bioquímica, que tinha aprendido na França, e que tive a oportunidade de implantar na Embrapa, pude verificar que o misterioso nematoide era uma nova espécie, posteriormente descrita e denominada *Meloidogyne paranaensis*. Foi a minha primeira ‘filha nematoide’ e a minha primeira experiência em taxonomia. Em 1995, fui para Gainesville, Florida (USA) fazer o meu Post-Doc com o Dr. Dickson e tive a oportunidade de trabalhar com a surpreendente bactéria *Pasteuria penetrans*. De volta em 1997, continuei os meus trabalhos de pesquisa na Embrapa/Pelotas, com colegas da UFPEL participei da organização do Congresso da SBN em Gramado e assumi a editoração da revista Nematologia Brasileira. Em 2000, a EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), querendo ampliar os estudos moleculares e de controle biológico com o nematoide das galhas, precisava de especialista na área. Fui convidada a me transferir para Brasília e poder trabalhar mais estreitamente com taxonomia, caracterização, diversidade genética e outras linhas de pesquisa mais básicas. Aqui estou há 11 anos, e a minha paixão por esses vermezinhas é cada vez mais intensa.

2) Ao iniciar a sua trajetória profissional, você já tinha total domínio do idioma francês e boa fluência no inglês. Quanto isso foi importante no desenvolvimento de sua carreira, em especial como pesquisadora científica?

Estudei francês e inglês na Aliança Francesa e Cultura Inglesa em São Paulo, desde os 12 anos de idade. Quando entrei na ESALQ já era formada nas duas línguas. Sempre o francês foi a minha língua predileta e durante toda a minha graduação em Agronomia lecionei francês na ESALQ para os estudantes de Doutorado. É claro que sem o domínio das línguas, eu não poderia ter saído do Brasil e foi fundamental para a minha carreira como pesquisadora.

3) Com alguma frequência, os nematologistas brasileiros são contestados por atuarem em múltiplas linhas de pesquisa, mesmo que todas vinculadas à Fitonematologia. Em um país tão grande, com problemas nematológicos tão diversificados e que requerem soluções urgentes, como você encara tal crítica?

É difícil avançar profundamente na pesquisa, com dedicação a múltiplas áreas. Para mim, isso ficou claro após a minha transferência para o Cenargen, onde pude me concentrar em poucas linhas de pesquisa. Mas, ainda somos muito poucos e existem muitas necessidades no Brasil. Dessa maneira, é plenamente justificável a atuação dos nematologistas em várias áreas.

4) O ensino da Nematologia de Plantas foi tema abordado nos congressos da SBN e da SON, ambos muito recentes. Objetivamente, como você analisaria tal questão nos dias atuais, no Brasil e no mundo?

O nosso país está muito bem quando comparado a outros países das Américas Central e do Sul. Nos EUA e em alguns países da Europa, a Nematologia está perdendo espaço para a Biologia Molecular. Os nematologistas clássicos estão morrendo e não estão sendo substituídos por nematologistas que conhecem técnicas moleculares, e sim, por biólogos moleculares que não conhecem nada de Nematologia. Acho que, nas nossas Universidades, os cursos de Nematologia deveriam ser mais dinâmicos e atualizados. As técnicas moleculares têm que fazer parte obrigatória do ensino em Nematologia nos cursos de Mestrado e Doutorado.

5) Você é uma campeã nacional em publicações nematológicas, em revista brasileiras e estrangeiras. Qual é o segredo para conseguir conviver com equipes de pesquisadores de diferentes países e instituições ao mesmo tempo?

Não há segredo algum, pelo contrário, é cooperando que a gente conquista conhecimentos novos, trabalha em sintonia com a ciência no Brasil e no mundo e consegue produzir bastante. Tenho que agradecer ao CNPq e à Embrapa, sobretudo ao Consórcio Brasileiro de Café e à Comunidade Européia por terem financiado vários projetos meus. Outro aspecto importante é que não dou aulas. Todo o meu tempo é canalizado para a pesquisa.

6) Em contraste com passado recente, hoje são muitos os artigos submetidos à publicação que contam com número elevado e comumente exagerado de autores, mesmo quando de concepção e realização simples. Muitos consideram essa como apenas uma das sérias deformações decorrentes da atual política de valorização profissional baseada na quantidade da produção científica, e não na qualidade. O que lhe parece tal questão?

Na atual concepção da Embrapa, é indispensável trabalhar em equipes multidisciplinares e de preferência com várias instituições do país e do exterior. Acho que não é salutar trabalhar de forma isolada como antigamente, pois pequenos feudos eram criados e dessa maneira, pouca evolução científica era gerada. Isso ocorre ainda em algumas instituições brasileiras, onde há professores contratados que se formaram naquela Universidade, nunca saíram do país e, às vezes, nunca saíram daquela Universidade.

7) Ao avaliar um jovem recurso humano, candidato a atuar junto a sua equipe de trabalho, quais atributos você mais valoriza.

Acabei de selecionar um Pos-Doc, recebi vários currículos de biólogos moleculares e apenas um com Mestrado em Nematologia e doutorado em Biologia Molecular nos EUA. Escolhi esse último pela formação multidisciplinar e pela formação fora do país. O domínio da língua inglesa é hoje indispensável para qualquer pesquisador ou professor universitário.

8) Após atuar em outras funções, inclusive a de editora da Nematologia Brasileira, você chegou à Presidência da SBN. Como tem sido tal experiência?

A experiência na Nematologia Brasileira me fez conhecer todos os nossos nematologistas no plano científico. Foram dez anos de muito trabalho e muita dedicação. A nossa Sociedade é muito restrita ao nosso grande país continental; por isso, como Presidente da SBN, com o intuito de ampliar as nossas fronteiras, organizei o 2º Congresso de Nematologia Tropical em Maceió, com a grande ajuda da Maria de Fátima Muniz, professora da Universidade Federal local. Recebemos mais de 100 estrangeiros e houve grande participação dos nematologistas e estudantes brasileiros (cerca de 200). Foi um grande evento e a primeira vez que vi uma integração, embora tímida, entre brasileiros das últimas gerações e nematologistas estrangeiros. Já tenho tempo para a minha aposentadoria e sou avó de um menino lindo. Não posso e não quero imaginar como será a minha vida longe da Nematologia.

Depoimento prestado no período final de julho e início de agosto de 2011